Revista Macambira
Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes)
ARTIGO-MEMORIAL / MEMORIAL ARTICLE
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.721

SER DO RURAL-ROÇA-CAMPO: elucidando as origens da identidade em ruralidades

TERESA REGINA DOS SANTOS MATTOS[1]

RESUMO: A partir de minha história de vida e considerando o conceito de identidade líquida de Bauman (2003), nas breves linhas deste artigo, proponho-me discutir e discernir sobre as minhas identidades, em especial a rural e urbana, compartilhando a forma peculiar na qual as constitui. Trata-se, portanto, de uma escrita implicada e engajada, reportando os resultados do "mergulho" nas memórias pessoais e familiares. Assim, identifico características das ruralidades a partir dessas memórias, mas sem a pretensão de aprofundá-las. As reflexões deste artigo apresentam-se como uma autoanálise quanto à minha identidade rural-roça-campo provocada por uma inquietação latente que só emergiu após eu alcançar um certo estado de plenitude em minha vida atual.

Palavras-chave: História de vida, Rural-roça-campo, Ancestralidade, Identidades.

1 - Pedagoga (UNEB). Especialista em Educação do Campo (IFBAIANO). Coordenadora Pedagógica da Rede Estadual de Ensino da Bahia. E-mail: tecamattos@gmail.com.

Be from rural-roça-campo: enlightening the origins of identity in ruralities

ABSTRACT
From my life story and considering Bauman's concept of liquid identity (2003), in the lines of this article, I propose to discuss and discern about my identities, especially the rural and urban ones, sharing the peculiar way in which they are constituted. It is, therefore, an implied and engaged writing, reporting the results of the "diving" in personal and family memories. Thus, I identify characteristics of ruralities from these memories, but without the intention of deepening them. The reflections in this article are presented as a self-analysis regarding my rural-countryside identity caused by a latent restlessness that only emerged after I reached a certain state of fullness in my current life.

Keywords
Life history, Rural-Countryside-Field, Ancestry, Identities.

Introdução: pessoa lançada no rural-roça-campo

Durante a minha graduação em Pedagogia, iniciada em 1999 e terminada em 2003, tive a sorte de vivenciar um currículo-piloto voltado para a formação de um pedagogo pesquisador. Esse momento foi também o primeiro contato de minha vida com o método científico e algumas tipologias de pesquisa, dentre elas, a Pesquisa-ação. Absorvi muito do que era postulado como paradigma emergente no ramo das ciências, principalmente, a multirreferencialidade e a implicação do pesquisador. Como resultado dessa formação, na minha primeira construção/produção acadêmica, eu falei sobre um conceito e a percepção deste na realidade educativa que muito me incomodava, algo que chamei na época de "concepção de diferença". Foi uma inquietação originada de minha própria história de vida, pois, no estágio docente do último ano do curso de Magistério, finalizado em 1998, eu me vi frente a frente com uma estudante cega na sala de aula. Ironicamente, foi essa estudante que me fez enxergar cada um dos outros estudantes como únicos e singulares e não como a massa amorfa denominada 'aluno'; que a formação profissional, até então recebida, me fazia "enxergar". Por isso, devo à presença dessa pessoa a minha capacidade, hoje, de trabalhar com os estudantes a partir de suas particularidades e não a partir de uma noção abstrata de ser-aluno. Desde então, em todo processo de pesquisa que realizo, implico também a minha história e minhas motivações, a ponto de, certa vez, ouvir de um professor que faço ótimas autoanálises e que uso bem alguns recursos necessários para a autobiografia como recurso investigativo.

Minha última formação acadêmica finalizada em 2020 foi a Especialização em Educação do Campo. Uma formação feita com a certeza de abrir portas para um ambiente em que desejava estar, mas que até o início do curso não tinha conseguido. Eu desejava morar no interior, viver no campo. Experienciar essa formação, estudar e falar sobre o campo foi muito importante para determinar certezas identitárias na minha subjetividade. Certezas que até então não tinha, porque eu não vivia no campo. Algumas pessoas me diziam que eu via o campo de uma forma muito romântica, por isso desejava tanto morar nele e que bastaria eu morar um ano nessa realidade para querer voltar para a metrópole.

Assim, as reflexões deste artigo é uma autoanálise provocada por uma inquietação latente que só emergiu após eu alcançar um certo estado de plenitude em minha vida atual: hoje eu moro no campo há três anos, e ainda não senti vontade alguma de voltar para a metrópole. Desde muito nova, sinto-me um ser humano que 'rema contra a maré' por seguir o caminho oposto ao da maioria das pessoas que conheço. Sei que, na verdade, não estou só nesse tipo de processo, mas esse sentimento é presente em vários aspectos de minha vida até hoje. Uma dessas "peculiaridades" é a minha preferência pelo que é rural, pela roça.

Ainda no início desta reflexão, não posso deixar de lembrar-me da realidade: essas palavras (rural-roça), muitas vezes, são vistas e usadas de forma pejorativa, possuindo significados diferentes dos que proponho aqui. Bauman (2003, p. 7) afirma que as "[...] palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações […]". Os termos "Rural" e "Roça" despertam em mim sensações muito diferentes

daquelas relacionadas ao atraso ou à pobreza. São termos que, nos anos em que não pude viver nesses lugares, significavam "falta", "ausência". Agora que vivo nesse ambiente, são palavras que me remetem à sensação de conforto (apesar das dificuldades), uma sensação de pertencimento e completude.

Eu constituí ao longo da vida identidades centradas na vida rural que, no aspecto político das lutas e resistências, transfigura-se em 'campo'. Rural-roça-campo: onde vivo e me sinto plena, realizada.

Desejei muito refletir sobre tais características, encontrando no método (Auto)Biográfico, aqui chamado por História de vida, o caminho mais apropriado para este exercício. No reforço dessa escolha, destaco as palavras de Silva e Mendes, citadas por Marques e Satriano (2017) em um artigo no qual propõem uma revisão bibliográfica dessa metodologia:

> […] a biografia, ou autobiografia, constitui um instrumento sociológico capaz de garantir essa mediação do ato à estrutura, ou seja, de uma história individual a uma história social. Esses argumentos sustentam-se no entendimento de que a (auto)biografia implica a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, cuja ação incide diretamente no social. (SILVA; MENDES, 2009, p. 5 apud MARQUES; SATRIANO, 2017, p. 9)

Para isso, com elementos de análise, busquei na memória os eventos e as ações que poderiam explicar a constituição das identidades rural-roça-campo. Tal exercício me levou até as lembranças da primeira infância; percebi, também, o quanto essas identidades influenciaram as decisões que tomei em relação à minha vida ao longo dos anos. O produto dessa viagem no tempo está na seção seguinte deste artigo. Para responder como me tornei um ser rural-da-roça-campo, elenquei (de forma cronológica) as memórias mais significativas sobre alguns aspectos da ruralidade* herdada, bem como adquirida.

À vista disso, acho pertinente explicar o conceito de identidade(s) tomado, aqui, a partir das contribuições de Zygmunt Bauman, apresentada resumidamente por Regis (2015):

* Elucido que não pretendo aprofundar os conceitos de ruralidade ou urbanidade, nem descrever ou detalhar a cultura e modos de vida desses ambientes.

> A categoria identidade [...] define-se pelo pertencimento de um indivíduo a uma dada comunidade, sob a condição deste indivíduo dotar de características específicas prescritas pela comunidade, dentre as quais hábitos, comportamentos, valores, sentimentos, ações, ideias, preferências, ascendência, fenótipos. Estariam tais indivíduos, portanto, dentro de e para tal comunidade, mutuamente reconhecidos, com a ressalva de que tal sentido de identidade não comportará exatidão plena em todos os casos – estando o termo, nalguns deles, significando certa intersecção entre comunidade e indivíduo, cuja concordância maior ou menor definirá o grau de pertencimento do indivíduo à respectiva comunidade. Consideremos, ainda, que certas características individuais podem obstruir por inteiro a pertença comunitária, invalidando outras características comuns entre as partes – fenômeno análogo ao que em química é conhecido por mistura heterogênea, levando-se em conta que os elementos subjetivos e as leis sociais que os regem não são imutáveis (quem possuísse ascendência judia, mesmo que nascido em território alemão, teria direitos retirados no período nacional-socialista, por exemplo) (REGIS, 2015, p. 290-291).

Comunidades conformam existências, mas quando não nos identificamos com a forma como as pessoas existem em determinada comunidade, passamos a buscar algo que melhor nos defina a partir de nossas crenças, modos de ser e de desejar existir; aspectos subjetivos que também não são necessariamente permanentes e que nem sempre temos consciência de onde ou porque adquirimos. Foi interessante saber que o Bauman começa a teorizar e a desenvolver tal categoria analítica a partir de sua própria história de ruptura com a comunidade em que vivia, buscando existir em uma nova comunidade. A esse fenômeno, que entrelaça o sentimento de pertencimento e de reconhecimento na vida coletiva, Bauman cria o conceito de 'identidade líquida' para explicar o fenômeno moderno de mobilidade sócio-identitária. Sobre esse aspecto, destaca também Lourenço Régis (2015):

> A liquefação moderna, efeito do distanciamento entre nação e Estado e da privatização, teve influência direta na proliferação de identidades. Diferentemente do tipo de identidade que a sociedade ocidental se propunha na primeira modernidade, sólida – na qual as políticas de Estado empenhavam-se em manter uma cultura nacional que provesse identidades sólidas, através das quais a sensação de pertencimento fosse de tal modo naturalizada que mesmo a cogitação de seu questionamento não viesse a ser por qualquer motivo aduzida –, no presente panorama, no qual se vê enfraquecida a aliança necessária entre nação e Estado, marcado por uma cultura flexível e mutável, a identidade perpassa ininterruptas interposições e renegociações, movendo-se rapidamente e em aceleração constante; retirando, assim, de seu significado, a tradicional ideia de pertencimento irrefragável. Dito de outro modo, não haveria mais aquela comunidade estável e duradoura, promotora de segurança e bem-estar, a qual se se pudesse e quisesse pertencer. A relação entre indivíduo e comunidade torna-se ambivalente – o que se refletirá nas relações interpessoais de toda sorte –, no que ocorre haver sempre algo a se perder tanto com um maior quanto com um menor grau de pertencimento. No primeiro caso, a angústia se dá pela sensação de estagnação, de mal aproveitamento das oportunidades, de carência por maior liberdade; no segundo, através da sensação de vazio causada pela ausência de segurança (jamais proporcionada pela modernidade sólida, que continha eficazmente qualquer necessidade por liberdade através de uma política de identidade nacional forte, promotora de acolhimento e previsibilidade). (REGIS, 2015, p. 292)

O acesso ao conceito de Bauman me deu certo conforto interno e segurança para relatar sobre um fenômeno que detalho a partir de minha história: a forma como passei a me reconhecer com identidades que não condizem com o modo de ser do lugar no qual nasci e cresci. Bem como a maneira como identifico que tive acesso a essa identidade estranha ao meu contexto de existência, pois nasci em uma cidade grande, mas desenvolvi uma identidade centrada no rural-roça-campo.

Como me tornei um ser do rural-roça-campo?

Eu tenho uma subjetividade muito associada à noção do rural-roça-campo, no entanto, minha história é um pouco diferente da que comumente se vê ou se escreve sobre 'ser nas ruralidades', pois não nasci e cresci nesses ambientes. Nasci e cresci em uma capital de estado: Salvador. E vivi nela até os 38 anos de idade. Então, como me tornei um ser do rural-roça-campo? Acho que por ter recebido uma educação de

quem nasceu, cresceu e viveu na ruralidade: minha mãe. Ela foi tirada, de certa forma, à força do rural-roça-campo, mas nunca se esqueceu de lá. Minha mãe passou a vida reproduzindo, sempre que foi possível, alguns aspectos dessa existência-em-ruralidades; tornado possível a minha identificação com esses elementos.

Minha mãe foi tirada do rural-roça-campo ainda menina, com cerca de 9 ou 10 anos de idade. Ela foi levada de seu lar para trabalhar como empregada doméstica na cidade grande. Foi o imperativo da fome e da pobreza. Muitas refeições eu comi com minha mãe lembrando: "Coma e não desperdice", "Quando não tinha nada, minha mãe nos dava farinha com pimenta pra comer", "Comi tanto feijão com gorgulho* que não suporto nem vê mais um feijão assim.". O discurso desse processo social é realmente bonito: "Tá passando fome aqui, mãe! Me dê que crio como minha filha na cidade. Não faltará nada para ela."; mas a realidade é que por décadas a sociedade baiana via como natural um processo de escravização moderna e de exploração infantil que afetou a vida de milhares de mulheres do rural-roça-campo.

* Gorgulhos são insetos, um tipo de besouro minúsculo que põem ovos em diversas espécies de grãos. Feijões há muito tempo colhidos e armazenados quase sempre têm a presença deles, pois começam a eclodir dos ovos e a se alimentar dos grãos.

Nasci e cresci, como já disse, em Salvador, em um bairro estruturado pelo que convencionamos chamar urbanidade: asfalto, esgotamento sanitário, energia elétrica, transporte público, comércio robusto, industrialização, densidade populacional, serviços diversos, dentre outros. Nesse ambiente, tenho a lembrança de infância habitando uma casa de quintal cimentado, com apenas alguns canteiros contendo terra e um galinheiro... Sim, minha mãe chegou a criar galinhas na cidade grande. Lembro-me da repulsa de meu pai, que era urbano, a esse hábito. Acho que ele tinha vergonha. Tenho na memória o quanto aquele galinheiro era ponto de conflito entre os dois. Acredito que o meu pai decretou o fim do galinheiro, então as galinhas foram diminuindo, diminuindo.

Outra lembrança marcante de minha primeira infância foi o dia da morte da última galinha. Minha mãe não teve coragem de matá-la. Chamou minha avó paterna, que também havia migrado da roça, para cumprir a missão. Aquele momento foi traumatizante. A tristeza de minha mãe... Até hoje não tenho coragem de matar um animal, mesmo sendo para comer.

Minha infância também foi marcada por várias viagens à terra natal de minha mãe que, de vez em quando, ia visitar os parentes que ainda moravam no interior. Nas idas à territorialidade materna, eu flagrava as dificuldades de infraestrutura: local sem energia elétrica, sem água encanada, sem asfaltamento, sem esgotamento sanitário, comércio simples... recordo-me das críticas de terceiros à minha mãe por me levar a "esses ambientes" que podiam me fazer contrair doenças e verminoses. No entanto, nunca adoeci. Desses ambientes ficaram ótimas lembranças: beber nos grandes vasos de barro com copo esmaltado, tomar banho em cacimba, encarar com alegria e tranquilidade as pererecas que apareciam no banheiro ou, ainda, de voltar para casa de minha avó, andando por ruas pouco iluminadas depois de ter assistindo ao filme "Lobisomem" pelas tevês de outros parentes. Minha avó não tinha televisão, afinal, a eletricidade havia há pouco chegado

à casa dela. Eu gostava tanto das belezas do lugar: o barulho dos bichos, o silêncio, o reencontro com as galinhas na casa de minha tia, a fartura das colheitas. Lembro-me, inclusive, do dia em que meu tio veio da roça dirigindo um fusca velho, cheio de melancias. A alegria daquele momento... Nunca comi tanta melancia na vida. Passei até mal.

Outra questão significativa e constante é a diferença clara de sabor entre as frutas comidas na roça e as compradas no mercado da cidade. Vegetais e frutas da roça são muito mais saborosos. Minha mãe me explicou que são assim porque eles amadurecem no devido tempo. Uma consequência dessa experiência foi aprender a ser uma consumidora que escolhe os vegetais pequenos e deformados, comidos de bicho (fico até alegre quando encontro lagarta dentro dos vegetais), pois aprendi que são aspectos que indicam uma produção mais saudável dos alimentos. Recordo-me, também, da bondade, do constante dar-e-receber entre minhas tias e minha mãe, entre os meus parentes e seus vizinhos. Voltávamos do interior sempre carregadas de coisas gostosas. É que a vida no rural-roça-campo nos faz viver uma coisa muito peculiar – que não se vive na cidade: a fartura promovida pela natureza. Era tanta coisa que a natureza dava que o jeito era mesmo repartir, sair distribuindo. A fartura era tanta que o excesso, para alguns, podia até ir para o lixo ou ser desperdiçado.

Pessoalmente, vivo um fenômeno estranho quanto a isso, porque sou uma pessoa que viveu na cidade grande e precisava comprar o que consumia no mercado. Aprendi, então, que tudo tem um preço e não é barato. Por isso, pra mim, ver uma mangueira, uma laranjeira ou qualquer outra árvore frutífera abarrotada de fruta madura e vazia de gente colhendo-as é muito estranho. Chega a ser desesperador. A vontade de pegar é imensa, mas, com a maturidade, a gente aprende a respeitar o alheio. No entanto, dói de verdade ver tamanho desperdício. Na juventude cheguei a ser, junto com minhas primas, uma "ladrazinha" de frutas alheias. Lembro-me de uma incursão desastrosa às terras do vizinho para roubar fruta no pé. Eu estava louca por frutas do conde. Nosso "bando" foi espantado por cachorros. Na correia, a molenga da cidade grande foi a única baixa: machuquei o pé!

A fartura da natureza é algo tão poderoso na vida do ser humano que gera tradições festivas em todas as culturas do mundo. A tradição nossa é o São João. A festa que, mesmo na cidade grande, era a mais comemorada pela minha família. Graças a isso, vivi na cidade, nas décadas de 1980 e 1990, o São João do interior: portas abertas, andar de casa em casa (até de desconhecidos), forró, quadrilha, comida e bebida farta na mesa de todos; licor de frutas, milho, amendoim, laranja, bolos, tapioca, macaxeira… as riquezas alimentares da Bahia. Meu pai era a figura que colocava o som da casa na rua e tocava as músicas para a quadrilha dançar. Foi a morte dele, em 23 de junho de 1990, que mudou esse dia fantástico da festa para o luto na minha família. Depois disso, não vivemos mais o São João.

Na juventude, fazendo uma faxina em casa e já com os estudos do magistério na cabeça, encontrei uma velha prova de Ciências do 2º ano primário. Havia uma pergunta: "Cite uma ave predadora". Escrevi:

"galinha". Tomei zero nessa questão. Fiquei me perguntando por que havia escrito galinha. Então me lembrei das horas e horas de observação às galinhas de minha tia no interior. A professora nem perguntou a razão da resposta e foi logo me dando zero. Ela não sabia que eu tinha visto as galinhas de minha tia comendo minhocas, baratas e toda gama de insetos. Se isso não é ser predador(a), não sei o que mais seria. Talvez, minha professora tivesse a noção urbana de que galinha só come milho. Ou tinha uma ideia de educação conteudista e queria que eu citasse as aves clássicas consideradas predadoras pela ciência: coruja, águia, gavião…

Minha mãe também manteve viva outra característica que considero ser do rural-roça-campo: a relação com as plantas. Durante toda a vida, e até hoje, mainha tem o hábito de guardar sementes dos vegetais que come: tomate, pimentão, mamão, laranja, limão, abacate, dentre outras. Parece até um comportamento instintivo, irracional. A maior parte dessas sementes parou no lixo jogada por mim ou minha irmã quando fazíamos faxina em casa. Nunca foram plantadas, mas ela continua fazendo isso. Lembro-me do pé de chuchu que ela conseguiu cultivar no muro do fundo da casa de quintal cimentado. Talvez, ele tenha nascido por acaso, fruto do ato dela jogar restos de vegetais nos parcos espaços de terra que havia no quintal. Não estou certa de como ele foi cultivado, mas a fartura de chuchu que comemos dele é lembrança certa. O pé de chuchu foi destruído pela vizinha, porque, segundo ela, sujava muito o lado do seu quintal.

No quintal cimentado, minha mãe também tinha muitas plantas em vaso. Quando cheguei à adolescência, passou a ser minha função lavar o quintal todos os dias, pois tínhamos um cachorro, e também molhar as plantas. Não é qualquer pessoa que tem lembranças de plantas como se fossem bichos de estimação. Tenho a lembrança de uma roseira que tínhamos plantada na parte inferior de um filtro de porcelana, ou seja, recipiente cuidadosamente planejado. Ela viveu muitos anos conosco. Era a planta que eu considerava mais especial. Tinha mais carinho em cuidar, embora não soubesse muito como exercer tal cuidado. Morreu na primeira mudança de casa que fizemos e a levamos. Foi uma perda muito triste em minha vida. As plantas em vaso seguiram conosco para todos os lugares aonde fomos morar e, hoje, encontram-se comigo. Acredito que entre as dezenas que se possuo, existam, ainda, algumas das plantas da minha infância ou plantas filhas daquela da casa do quintal cimentado. Vou esmiuçar melhor essa história nas próximas linhas.

Com as plantas em vaso, minha mãe manteve vivas algumas práticas agrícolas: adubação com restos de vegetais, fazer mudas, misturar espécies em um único vaso. A segunda casa em que moramos foi como uma confirmação de estilo de vida que gostaria de ter. Mudamos para uma cidade vizinha à Salvador, um bairro considerado periférico e pobre. Tinha uma atmosfera pacata e silenciosa. Havia energia elétrica e água encanada, mas não tinha asfalto, nem esgotamento sanitário. A casa tinha uma fossa séptica. Quando chegamos, o transporte também era bem precário. Como diz a expressão: ônibus passava de caju em caju…

Mesmo com toda essa precarização de vida, foi a casa que mais gostei de morar na cidade grande, porque tinha um quintal vasto, com jaqueira, mangueira, goiabeira, coqueiro, abacateiro. Tinha espaço para fazer hortas e para multiplicar as plantas em vaso. A sensação de completitude e bem-estar nesse ambiente era imensurável.

Pouco mais de 10 anos depois, nos mudamos novamente para Salvador, para um bairro urbano e casa sem quintal, toda no piso. O único conforto foram as plantas no vaso levadas conosco. Para piorar minha angústia, alguns anos depois, nos mudamos para um apartamento no centro da cidade. Vale destacar que o fator preponderante para escolher aquele apartamento foi o espaço possível para dezenas de vasos de plantas que nos acompanhariam: a laje do apartamento de baixo que só tinha acesso por nossa janela. Não era o espaço ideal, mas mantivemos as plantas perto. Por fim, cansada de viver nesses ambientes cada vez mais compactos e caóticos da urbanidade, fiz um concurso público e me mudei para o interior. "Você é louca!", diziam-me... "Não vai se acostumar, o interior é tudo muito difícil. Não tem nada". As pessoas só aceitaram minha decisão após a afirmação de minhas preferências de vida. Levei quase todas as plantas comigo, ocuparam metade de um caminhão baú médio.

Nas primeiras casas da cidade do interior, sentir-me desconfortável por ter escolhido novamente casas de quintal cimentado, mas, no início de 2022, me mudei para o interior do interior: estou agora em uma comunidade rural do município em que escolhi viver. Nessa morada atual, voltei a sentir o bem-estar de me perceber em um lugar em que combino, no qual sinto pertencimento; vivendo perto de árvores e espaço para plantar. No entanto, é uma casa alugada. Por isso, hoje, desejo apenas o que todo ser do rural-roça-campo sonha e pensa em ter: seu próprio pedaço de chão para plantar. Ser do rural-roça-campo, para mim, é ter ainda vivo em sua subjetividade uma relação intensa e verdadeira com a natureza e desejar viver de acordo com o seu ciclo. É cuidar da terra e de animais. Plantar e colher, viver ano após ano, a alegria da fartura ou o pesar da perda de safras. Sinto-me frustrada de não poder plantar uma árvore, vê-la crescer e comer dos seus frutos. Tenho mantido uma amoreira em vaso, mas não é a mesma coisa.

É muito característica e singular a conversa do povo do rural-roça-campo: o compartilhar do que sua terra dá e não dá, das experiências que faz, do que planta e espera colher, da época das frutas que se pega no mato, ou seja, das frutas nativas que nascem de forma espontânea e que as pessoas sabem onde estão e vão colher. Mucugê é uma fruta que se pega no mato, dá nome à cidade que vim morar e que hoje é rara na região; mas ainda se encontram o murici, o maracujá do mato, o cambuí, o licuri, a mangaba, dentre outros. Eu participo dessas conversas falando de minhas plantas no vaso. É a minha especialidade como ser do rural-roça-campo. Fiquei surpresa com o encanto que as vizinhas daqui ficaram com as minhas roseiras imensas plantadas em vasos.

Ao final?

Ao final desta jornada pela memória, surpreendi-me com uma história que depois entendi não ser apenas minha. Muito pelo contrário, com o fenômeno do êxodo rural no Brasil, pode ser bastante comum que as identidades do rural-roça-campo possam não apenas sobreviver ao processo de afastamento ou retirada das pessoas de seu local de origem, como também possam ser transmitidas para as novas gerações.

Não tive a pretensão, com este artigo, de tratar da realidade do rural-roça-campo ou da complexidade desse território e de suas populações. Na construção desta narrativa centrada nas minhas memórias, busquei tudo que considerava ser característico do rural-roça-campo a partir de meus sentimentos. Somente depois disso, fui buscar leituras sobre as culturas do rural-roça-campo.

Compreendo que hoje há uma grande discussão sobre conceitos estanques e o ideal é falar de ruralidades, porque este espaço se constitui de formas tão complexas que é impossível simplificar ou generalizar. No entanto, há uma característica clara que eu percebo pela vivência, mas sistematizada por Tardin (2012) no seguinte verbete sobre a Cultura Camponesa: "A agricultura traduz, sem equívoco, uma relação humano-natureza marcada pelo sentido de forte conexão, de pertencimento, de ato transformador e criador, uma relação fundada no cuidado [...]. É, portanto, identidade humano/natureza." (TARDIN, 2012, p. 179).

É nesse aspecto que está a principal diferença entre o 'ser urbano' e o 'ser do rural-roça-campo'. Essa relação intrínseca com a natureza é o que acho que o ser urbano perdeu. É o que eu herdei de minha mãe. O ser urbano, sem generalizar, tende a viver e ter prazer de viver segundo um tempo-espaço forjado em princípios antropocêntricos e com a menor relação possível com o mundo natural, pois é centrado apenas no ser humano e em suas necessidades. Sempre estranhei que determinados elementos oriundos da natureza incomodem à existência do ser humano no meio urbano: a água da chuva que empossa, o frio ou o calor, o vento, as folhas das árvores que sujam as ruas e praças, os animais que são pragas e perigos e, por isso, devem ser exterminados ou afastados. Essa separação do homem e da natureza na cultura urbana me parece tão forte que médicos e especialistas em saúde receitam com frequência para doentes, estressados e depressivos caminhadas ao ar livre, luz do sol, contato com a natureza como terapia.

Por essa razão, me sentia sempre em lugar estranho quando vivia na cidade. Essa visão urbanocêntrica de mundo nunca foi o modo ideal de vida para mim. Quem tem as identidades do rural-roça-campo, na sua maioria, precisa de terra... ainda que não seja sua. Essa é uma questão que Tardin (2012) elucida com maestria.

> O mundo camponês é formado por ecossistemas complexos, dos quais é preciso recolher e/ou transformar os materiais da natureza para assegurar a satisfação das necessidades vitais e a reprodução social. A paisagem natural vai sendo aculturada com os cultivos agrícolas, a criação de rebanhos e o extrativismo florestal, que envolvem o manejo de incomensurável

> biodiversidade e agrobiodiversidade. A cada uma dessas espécies, de uso alimentar, condimentar, medicinal, ornamental; fibras e madeira; espécies necessárias à fertilização e à proteção de fontes, rios e solo; ou que precisam ser mantidas visando a fins conservacionistas e de preservação, corresponde uma multiplicidade de conhecimentos e saberes relativos aos seus manejos e usos, e dos instrumentos de trabalho utilizados em cada situação. Em sua generalidade, o ser camponês está imbricado à natureza numa relação cotidiana, e essa interação se dá por um contínuo conhecer, pelas descobertas, por uma práxis empírica ampla e, preponderantemente, pela experimentação durante largo lapso de tempo, efetivando tentativas que levam a acertos e erros, e, com isso, orientam as escolhas. Impõe-se ao camponês a exigência de conhecimentos amplos, entre outros, sobre as plantas cultivadas e os animais silvestres criados; saberes sobre reprodução, produção, proteção, conservação, transformação e armazenagem; sobre usos que incluem a gastronomia, a terapêutica e a transformação doméstica; sobre os solos e a água – seus manejos e conservação, que implicam obras e equipamentos variados; sobre o clima – vento, temperatura, chuva, seca, geada; sobre as estações do ano e o ciclo lunar; sobre fertilizantes, ferramentas e máquinas de trabalho; sobre construção; e sobre produção artesanal – roupas, calçados, adornos... (TARDIN, 2012, p. 180)

Por essa razão, o êxodo rural e a expulsão desse rural-roça-campo são processos tão violentos. Pensar em ser e viver no rural-roça-campo exige também planejar essa existência/vivência em relação demorada com um determinado lugar e território. Esse é o meu plano de futuro!

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecilia. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 23, n. 51, p. 369-386, jun. 2017- set. 2017. DOI: https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8231

REGIS, Lourenço. Identidades Consumidas. **Revista Ambivalências**, Sergipe, v. 3, n. 5, p. 290- 295, jan-jun/2015. Link: https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/viewFile/3932/3295

TARDIN, José Maria. Cultura Camponesa. In: CALDART, Roseli Salete *et al.* **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 180-188.

Informações do Artigo

Recebido em: 17/05/2022
Revisado em: 23/08/2022
Aceito em: 16/10/2022
Publicado em: 20/11/2022

Conflitos de Interesse: A autora declara não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

Como citar este artigo:

Mattos, T. R. dos S., (2022). Ser do rural-roça-campo: elucidando as origens da identidade em ruralidades. **Revista Macambira**, 6(1), e061017. https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.721

Licença:

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

Article Information

Received on: 17/05/2022
Revised on: 23/08/2022
Accepted on: 16/10/2022
Published: 20/11/2022

Conflict of Interest: No reported.

How to cite this article

Mattos, T. R. dos S., (2022). Be from rural-roça-campo: enlightening the origins of identity in ruralities. Revista Macambira, 6(1), e061017. https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.721

License:

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.